



## TECNOLOGIAS DIGITAIS, ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aurilucia Araújo Galeno

Andressa Santos Rebelo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

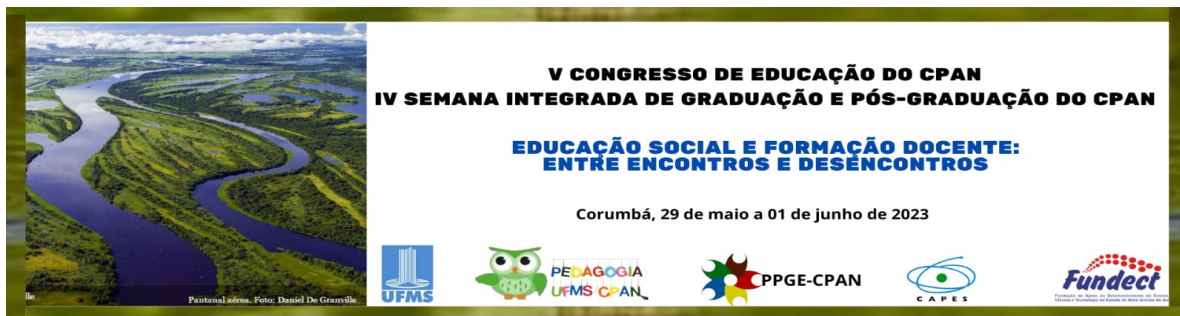
Agencia financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

**Resumo:** Os índices apontam que as dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita no início da escolarização se constituem significativo desafio para a educação nacional, fazendo-se necessário empreender ações efetivas para o seu enfrentamento. Um dos meios utilizados para esse enfrentamento é a utilização das tecnologias digitais, algo frequente nas escolas, mas ainda mais utilizadas durante a pandemia de covid-19. Neste artigo objetivamos descrever atividades realizadas em uma pesquisa-ação que teve por foco o uso das tecnologias digitais em processos de alfabetização em uma escola do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, em contexto de inclusão escolar. A pesquisa possui abordagem qualitativa. Enquanto uma pesquisa-ação, foi realizada com base nas técnicas de levantamento bibliográfico sobre a temática, registro fotográfico e observação participante, com uso de diário de campo. Foi possível observar que a utilização das tecnologias digitais na escola é algo que traz benefícios para o processo de alfabetização, mas que ainda existem dificuldades em sua utilização no processo de inclusão dos alunos público-alvo da educação especial. As atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa foram enriquecedoras, tanto para os alunos, quanto para os pesquisadores envolvidos. Foi possível averiguar o quão importante é fazer o uso das tecnologias digitais na escola e os seus impactos na prática pedagógica. Foi perceptível o desenvolvimento dos alunos na escrita, interpretação, leitura e produção de outras linguagens. A pesquisa contribuiu para a ampliação das formas de comunicação e possibilitou vislumbrar a superação de barreiras na escola, o estímulo à produção de conhecimentos e o fomento da criticidade entre os alunos; elementos essenciais na implementação das políticas e práticas de inclusão escolar.

**Palavras-chave:** Inclusão escolar, Tecnologia da Informação e Comunicação, Práticas pedagógicas.

### Introdução

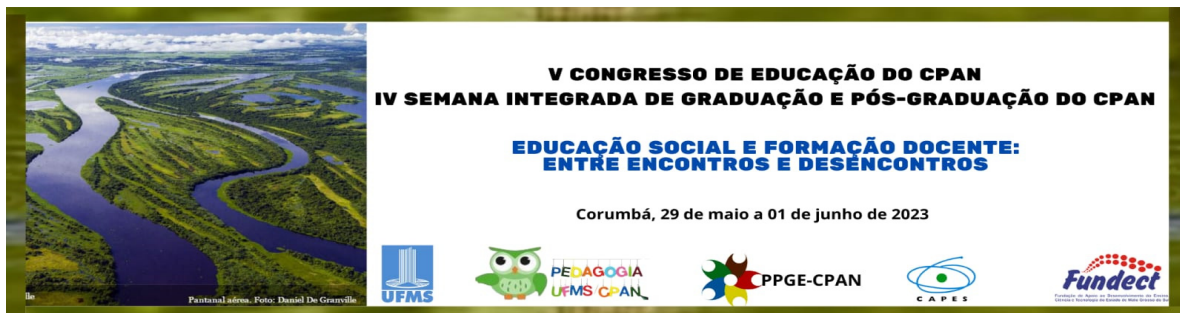
A escola se caracteriza como o equipamento social que, por sua obrigatoriedade, faz parte do cotidiano da quase totalidade dos indivíduos de todas as classes sociais. Dados do



Censo Escolar 2022, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), indicam que, no ano de 2022, registraram-se 47,4 milhões de matrículas nas 178,3 mil escolas de educação básica no Brasil, cerca de 714 mil matrículas a mais em comparação com o ano de 2021 (BRASIL, 2023). Nessa totalidade, encontra-se a diversidade e, para atendê-la, o país tem proposto e implantado um conjunto de programas de educação em direitos humanos, educação para as relações étnico-raciais, de educação do campo, quilombola, escolar indígena e para aos alunos público da Educação Especial (com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação) (KASSAR, 2016).

A discussão sobre a natureza dos direitos sociais, em que se proclama, entre outros, o direito à educação fortalece a luta pela matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas comuns, respaldada pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e por acordos internacionais assumidos pelo país (UNESCO, 1990; 1994). Coerente com essa perspectiva, entre 2003 e 2014 foram implementados diferentes programas focando a garantia de frequência de alunos público alvo da educação especial nas escolas comuns públicas, que impactaram as redes de ensino, de modo que, entre 2007 e 2008, o Ministério da Educação destacou a inflexão ou “virada” das matrículas, que historicamente encontravam-se concentradas em classes e escolas especiais (ensino de caráter substitutivo) para matrículas em classes comuns, especialmente de escolas públicas (BRASIL, 2015a). Ressalta-se, no entanto, que a ampliação dessas matrículas em classes comuns do ensino regular já vinha ocorrendo desde o ano de 1998 (BRASIL, 1998), portanto esse movimento tem se caracterizado como política do Estado brasileiro.

Verifica-se que mesmo que as escolas cumprem exigências legais em relação à presença de alunos especiais em sala e à existência de mudanças na escola, estes aspectos não têm sido suficientes para garantir acesso e apropriação de conhecimento científico aos alunos (KASSAR, 2006; CARVALHO, 2013; PLETSCHE, 2014). Medidas organizativas da/na escola podem introduzir avanços importantes, dentre eles os que impactam a formação dos professores (SEBASTIÁN *et al.*, 2013) e as práticas pedagógicas, também por meio das tecnologias digitais ou Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (MARTÍNEZ; LACASA, 2010; CASTILLO *et al.*, 2012).



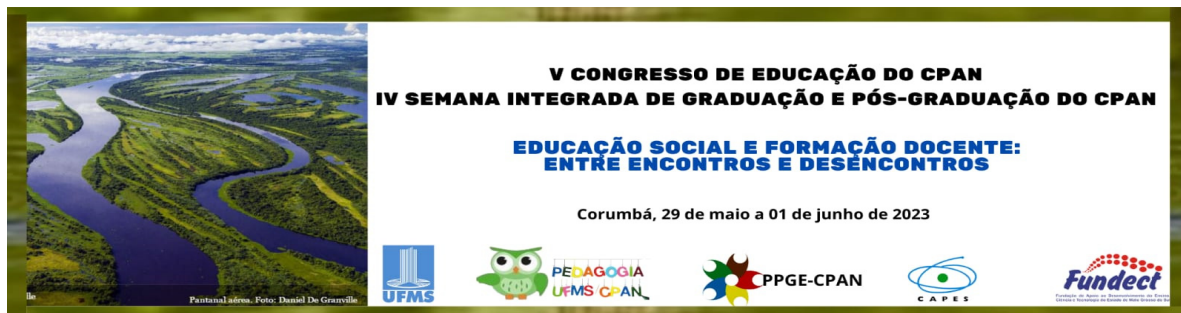
Segundo o relatório do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), o desempenho dos alunos brasileiros em leitura encontra-se abaixo da média dos alunos em países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A média do Brasil na área de leitura se manteve estável desde o ano 2000. Apesar de ter havido uma elevação na pontuação em 2015, afirma-se que essa diferença não representa uma mudança estatisticamente significativa (PISA, 2016). A Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), com os estudantes matriculados no ciclo de alfabetização (nos três anos iniciais do ensino fundamental) da rede pública, mostra que, no Brasil, a maior parte dos estudantes concentra-se nos níveis 2 e 3 de Leitura (em uma escala de 1 a 4), o que congrega 67% daqueles que participam da avaliação (BRASIL, 2015b). Desse modo, os índices apontam que as dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita no início da escolarização se constituem significativo desafio para a educação nacional, fazendo-se necessário empreender ações efetivas para o seu enfrentamento.

Considerando esses aspectos, neste artigo objetivamos descrever atividades realizadas em uma pesquisa-ação que teve por foco o uso das tecnologias digitais em processos de alfabetização em uma escola do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, em contexto de inclusão escolar.

## **Metodologia**

A linguagem, assim como as outras funções psicológicas características humanas, origina-se em primeiro lugar na relação entre as pessoas, no caso entre a criança e as pessoas que a rodeiam (plano intersíquico). Só depois, convertido em linguagem interna, se transforma em função mental interna (plano intrapsíquico) que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança (VYGOTSKI, 1991a; 1991b). O investimento no desenvolvimento cultural das crianças é fundamental, especialmente se ela já traz, em sua composição biológica, alguma característica que a coloque em “desvantagem” frente à sociedade que a cerca.

Com base nesses pressupostos, iniciamos a pesquisa realizando junto às professoras o levantamento das práticas que elas desenvolviam nos processos de alfabetização, considerando diferentes linguagens. Em conjunto com as professoras planejamos as atividades de confecção de *blogs* na *internet*. As atividades foram pensadas e elaboradas de acordo com as necessidades



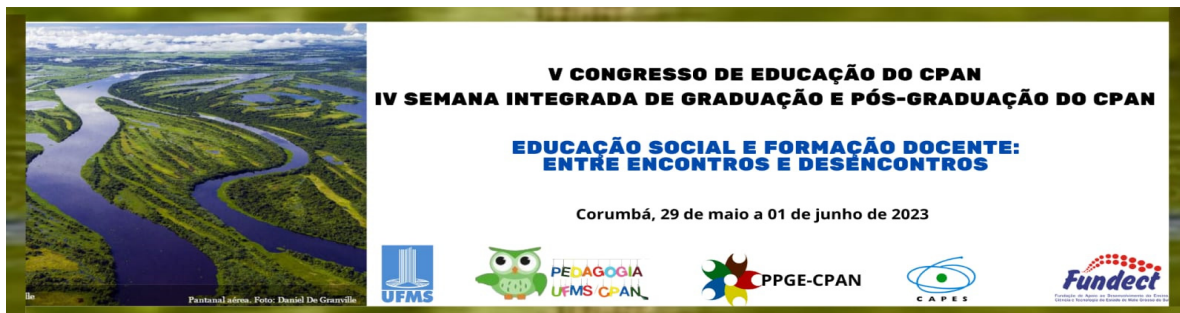
de aprendizagem dos alunos, bem como o ano em que se encontram alocados, conforme suas faixas etárias. Realizamos as atividades com cinco turmas de segundo ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino na cidade de Corumbá, localizada na região do Pantanal Sul-mato-grossense. Todas as turmas em que esta pesquisa foi desenvolvida possuíam alunos público-alvo da Educação Especial, com três delas contando com participação do professor de apoio.

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, que segundo Alonso (2016, p. 8) visa entender a lógica de processos e estruturas sociais, a partir de análises em profundidade de um ou poucos casos particulares. Na condição de pesquisa-ação, esta visa a relação entre conhecimento e ação tendo como objetivo proporcionar ao pesquisador “[...] melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do ‘material’ qualitativo gerado na situação investigativa” (THIOLLENT, 1988, p. 29).

A pesquisa-ação implica a participação de todos os integrantes do projeto na coleta de dados que permita produzir uma análise diagnóstica de um dado problema e formular propostas de solução ou de modificação da situação identificada. Assim, a associação de diferentes procedimentos de coleta e análise de dados foi uma característica desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com as técnicas de levantamento bibliográfico sobre a temática, registro fotográfico e observação participante, com uso de diário de campo. Alonso (2016, p.10) afirma que

[...] a observação participante se vale do acompanhamento sistemático de todas as atividades do grupo estudado. O pesquisador se insere no dia a dia do grupo, participa dele, como se fosse um membro. E procede ao registro sistemático (um diário de campo) de vários tipos de informação: eventos (ações), falas (discursos), gestos (comportamentos) e interações observados. Registra, também, as suas próprias experiências em campo.

A pesquisa da qual decorre este artigo é intitulada “Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) e inovação nos processos de escolarização na educação inclusiva: diferentes contextos no Brasil e na Espanha”, apresentando Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 82496418.0.0000.0021, na Plataforma Brasil.

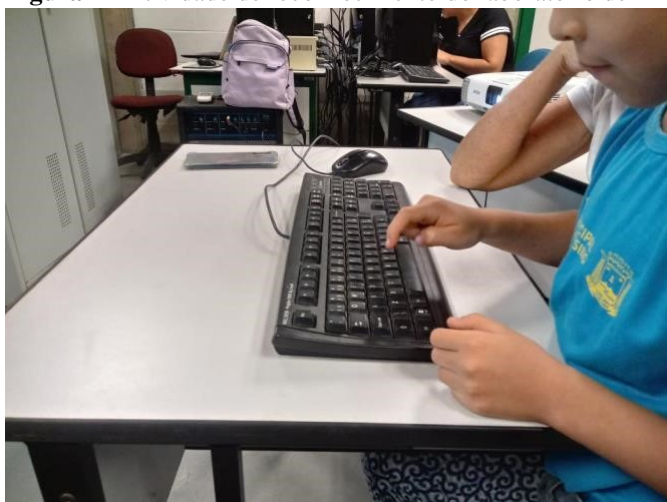


## Resultados e discussão

Varela, Castillo e Lacasa (2010, p. 163) afirmam que “[...] falar muitas vezes da internet, mas, em alguns casos, não tiveram oportunidade de navegar pela rede. Por isso, ao chegar às nossas oficinas, não sabem o que esse meio de comunicação lhes pode oferecer”. Assim, a busca pela inserção da tecnologia e uso de *blogs* no contexto escolar revelou que apesar de já convivermos com a internet há algum tempo, parte dos alunos não tem o mesmo contato com as tecnologias digitais.

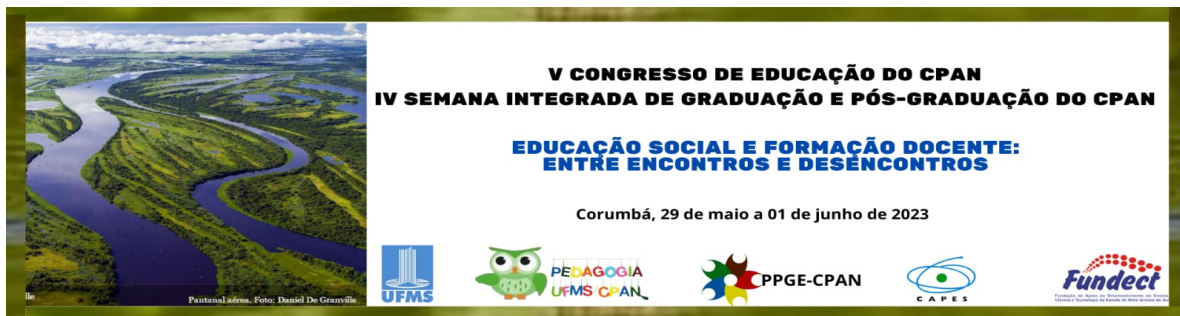
Por cerca de um mês realizamos planejamento das atividades com as professoras regentes sobre o uso de *blogs*. Nos três meses seguintes foram realizados encontros semanais com os alunos e professores regentes e de apoio para a apresentação da pesquisa e confecção dos *blogs*. No total, as atividades foram desenvolvidas em quatro meses (um semestre). A figura a seguir mostra um registro fotográfico do primeiro encontro no laboratório de informática.

**Figura 1** - Atividade de reconhecimento do laboratório de informática



Fonte: Material coletado na pesquisa, 2019.

As atividades pedagógicas desenvolvidas na escola pelos professores e equipe da pesquisa-ação (acadêmicos da graduação e pós-graduação, bolsistas e professores da universidade) visavam desenvolver junto aos alunos a capacidade de interpretação de mundo, dos textos escritos, das diversas imagens do cotidiano, estimulando a oralidade, criatividade por



meio de produções de desenhos, e expressividade dando a eles a oportunidade de divulgarem suas ideias e pensamentos. Essas preocupações devem-se ao entendimento de que

[...] a internet exige aprender novas formas de alfabetização, muitas vezes ausentes da sala de aula. Isto adquire relevância se observarmos que a escola é um dos espaços que a sociedade costuma considerar como “mais importantes” na tarefa de formar indivíduos com capacidade crítica, cidadãos e cidadãos capacitados para utilizar os diferentes instrumentos que a própria sociedade oferece (VARELLA; CASTILLO; LACASA, 2010, p. 165).

Varella, Castillo e Lacasa (2010, p. 167) apontaram que “através da busca, as crianças têm que enfrentar a tarefa de depurar e selecionar entre os resultados, quais são os que tinham um conteúdo relevante para elas”. Durante os encontros realizados na pesquisa, os alunos eram estimulados a fazerem buscas sobre os temas trabalhados, a fim de responder as dúvidas que surgiam.

Nas disciplinas de geografia e ciências abordamos os biomas e entre esses o tema “Animais do Pantanal”. Assim, como na pesquisa desenvolvida por Henn (2008) explicamos de forma acessível para as crianças, que um bioma é formado pelos diferentes tipos de árvores, flores, animais, paisagens, que existem em alguns lugares. Também “foi apresentado um vídeo que tratava diretamente do bioma Pantanal; posteriormente foram realizadas buscas na internet sobre outros animais indicados pelos próprios alunos” (*diário de campo*). Eles digitaram o nome dos animais com a colaboração dos demais participantes. Posteriormente foi proposto que fizessem representações dos animais com a utilização da massa de modelar. As produções foram fotografadas e publicadas no *blog* da turma (*diário de campo*). A figura a seguir mostra as produções dos alunos.

**Figura 2** - Atividade sobre os Animais do Pantanal



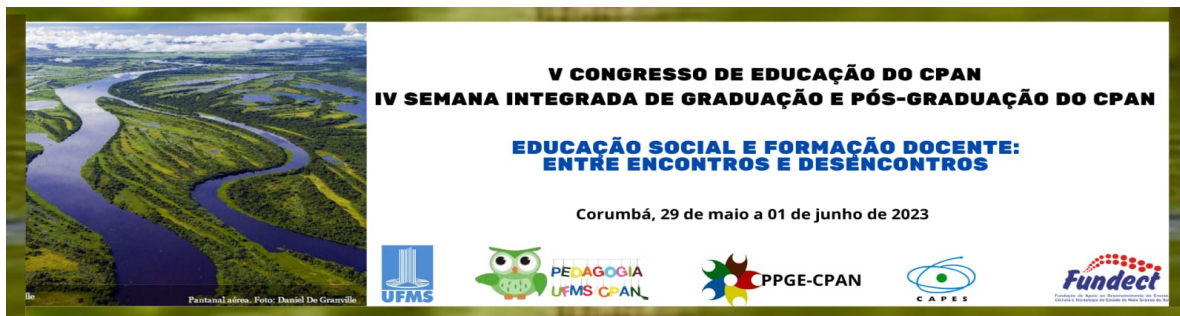
Fonte: Material coletado na pesquisa, 2019.

A atividade descrita foi bem-sucedida, pois além de ser um tema do seu cotidiano, houve interação e troca de conhecimento entre os alunos, sobre os animais e sobre os diferentes biomas. “Através desta atividade as crianças tiveram a oportunidade de pesquisar, explorar, conhecer e interessarem-se pelo mundo social e natural, formulando perguntas, buscando informações sobre as diferentes características dos biomas” (*diário de campo*).

Nas disciplinas de língua portuguesa trabalhamos a ‘contação’ de histórias, leitura de livros, produções e interpretações de textos. Acreditamos que a leitura e “contação” de histórias são muito importantes em sala de aula, não apenas enquanto brincadeira, mas para desenvolver a escrita. Conforme Souza e Bernardino (2011) a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. Visando o desenvolvimento dos alunos, utilizamos alguns livros por nós escolhidos e outros, escolhidos por eles próprios entre o acervo bibliográfico da escola.

Os livros utilizados foram “O noivo da cutia” de Maria Tereza Lemos; “O Risco e o Fio” de Ana Carla Cozendey; “A Pulga e a Daninha” de Pedro Mourão; “Um Homem de Mar” de Rodolfo Castro; e “Cinco Ovelhas” de Andrés Guerrero e Ana Guerrero (*diário de campo*).

Após as leituras foi solicitado que os alunos elaborassem ilustrações ou produções textuais de forma individual ou em grupo que posteriormente foram contadas em roda para toda



a turma e publicadas no *blog*. Desse modo os alunos poderiam desenvolver a escrita, a criatividade, habilidade de falar em público e enriqueciam o seu vocabulário. Ao longo dos encontros foi possível notar o avanço na apreensão da escrita, da criação e até mesmo na desenvoltura ao contar suas histórias para os colegas. Algumas crianças criaram histórias com grande variedade de personagens e detalhes (*diário de campo*).

A figura a seguir apresenta uma roda de leitura dos textos produzidos pelos alunos.

**Figura 3** - Roda de leitura dos textos produzidos pelos alunos



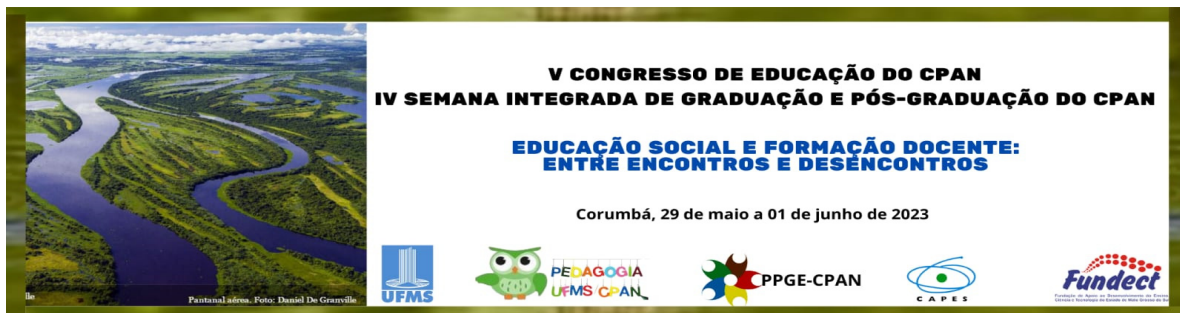
Fonte: Material coletado na pesquisa, 2019.

É preciso estimular as crianças na criação e narração de histórias, pois:

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.) (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 243)

Nas aulas de Artes apresentamos aos alunos a artista, desenhista e pintora brasileira Tarsila do Amaral. Explicamos que esta foi uma das maiores pintoras modernistas, possuindo





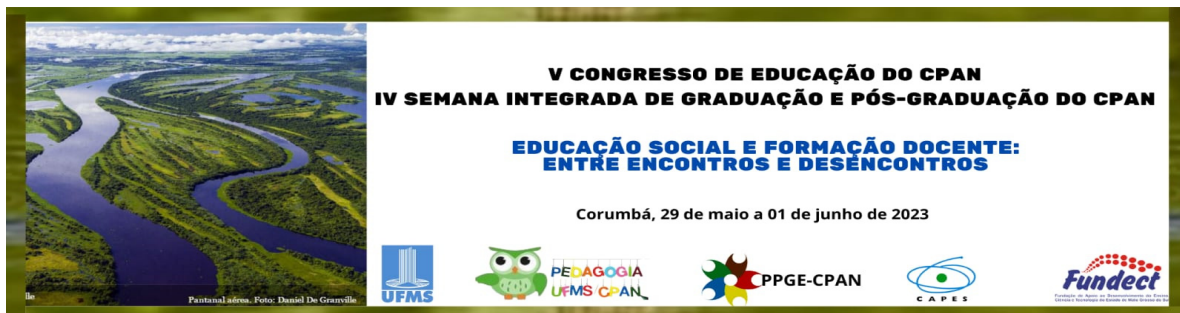
uma vasta quantidade de obras que valorizam as práticas culturais brasileiras, os espaços, o povo, a diversidade de plantas e frutas nativas, etc. (SILVA, 2014). Apresentamos um vídeo disponibilizado na internet que trazia de forma lúdica algumas obras da pintora. O tema despertou a curiosidade das crianças, sobretudo ao pesquisar sobre a vida e as obras de Tarsila. Após a realização das buscas sobre o tema disponibilizamos tintas, pincéis e papel para que os alunos pudessem produzir suas próprias pinturas, a fim de desenvolverem sua criatividade, habilidades e atenção (*diário de campo*). A figura a seguir ilustra um desses momentos.

**Figura 4** - Registro da atividade desenvolvida sobre obras de Tarsila do Amaral



Fonte: Material coletado na pesquisa, 2019.

Ao longo dos encontros os alunos tiveram a possibilidade de registrar suas criações e descrever informações a respeito das atividades que foram desenvolvidas. Os registros foram publicados no *blog* da turma pelos alunos, com o auxílio da equipe da pesquisa-ação (<https://desenhocaic.blogspot.com/>). Assim como Cruz (2018, p. 3), entendemos que o conceito TIC deve ser “[...] mobilizado não na ótica de informática educativa, enquanto recurso pedagógico a ser utilizado pelos docentes, mas como uma componente de formação integrante” da educação básica.



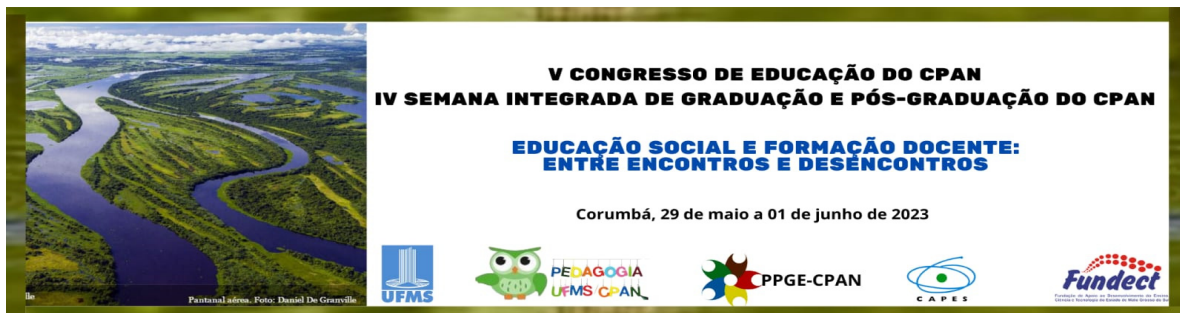
No último encontro organizamos juntamente com os alunos um portfólio contendo as atividades e registros fotográficos feitos em todo o período. Cada aluno ficou responsável por ilustrar a capa do seu portfólio e a equipe auxiliou na montagem e finalização do mesmo. As crianças levaram o seu portfólio, como reconhecimento de suas criações (*diário de campo*).

**Figura 5** - Portfólios que foram entregues aos alunos contendo as atividades desenvolvidas ao longo do semestre



Fonte: Material coletado na pesquisa, 2019.

Por meio dessas ações foi possível observar o quanto a escola ainda tem a ser aprimorada para o uso da tecnologia digital, seja na renovação dos equipamentos tecnológicos, que se encontram em defasagem; como também em relação a formação e capacitação dos professores, para que possam utilizar a tecnologia, tanto para a inclusão dos alunos, como para auxiliar na alfabetização. Apesar da formação e demonstração inicial de interesse das professoras pelo



projeto; em alguns momentos houve pequena participação no desenvolvimento das atividades. Em relação aos alunos, público da Educação Especial, era recorrente a situação de uma das professoras de apoio retirar um desses estudantes, com diagnóstico de autismo, da sala de aula. Em alguns momentos, ocorria dessa profissional deixá-lo assistir vídeos no computador que não tinham relação com a atividade proposta pela pesquisa-ação, enquanto desenvolvíamos as atividades no laboratório de informática. Entretanto, situações como essa não foram determinantes, pois registramos uma ampliação gradual do engajamento dos alunos da Educação Especial nas atividades propostas (*diário de campo*).

### **Considerações finais**

Registramos momentos de desenvolvimento dos alunos e acreditamos que nossas intervenções possam ter contribuído na percepção dos professores sobre propor práticas pedagógicas com a utilização das tecnologias digitais. Concordamos com Rodrigues (2012, p. 31), quando afirma que a escola deve se tornar uma organização mais coesa, mais confiante nos seus projetos e “capaz de responder solidariamente aos desafios que se lhe deparam”. Sem que a escola seja “reforçada com mais e melhores recursos humanos e materiais, a inclusão pode tornar-se numa retórica temporária e superficial”.

As escolas podem ter um papel muito importante já que podem contribuir para ampliar o acesso à internet e formar para o seu uso crítico (VARELA; CASTILLO; LACASA, 2010). Para isso, o professor e os demais profissionais da escola devem planejar e pensar outras formas de ensino, que possam incluir o uso das tecnologias digitais na execução do currículo escolar e políticas públicas que, por exemplo, garantam a manutenção dos computadores e a oferta de internet de banda larga nas escolas.

Compreendemos que a pesquisa-ação provocou nos professores reflexão sobre suas práticas pedagógicas. Foi possível verificar que o uso dessas ferramentas não exclui aquelas que são rotuladas como “tradicionais”, sendo necessário o uso de todos os meios possíveis para consolidar a aprendizagem dos alunos.



Outro ponto a destacar é que, vimos que ainda se tem pouco conhecimento sobre metodologias diferenciadas para os alunos público-alvo da Educação Especial, que também beneficiam os demais estudantes. Verificamos a necessidade de se fomentar nas formações temáticas sobre desenho universal para a aprendizagem, já que presenciamos discursos contraditórios a respeito dos alunos da Educação Especial na classe comum (de acolhimento e também rejeição).

As atividades desenvolvidas no decorrer da pesquisa foram enriquecedoras, tanto para os alunos, quanto para os pesquisadores envolvidos. Foi possível averiguar o quão importante é fazer o uso das tecnologias digitais na escola e os seus impactos na prática pedagógica. Foi perceptível o desenvolvimento dos alunos na escrita, interpretação, leitura e produção de outras linguagens. A pesquisa contribuiu para a ampliação das formas de comunicação e possibilitou vislumbrar a superação de barreiras na escola, o estímulo à produção de conhecimentos e o fomento da criticidade entre os alunos; elementos essenciais na implementação das políticas e práticas de inclusão escolar.

## Referências

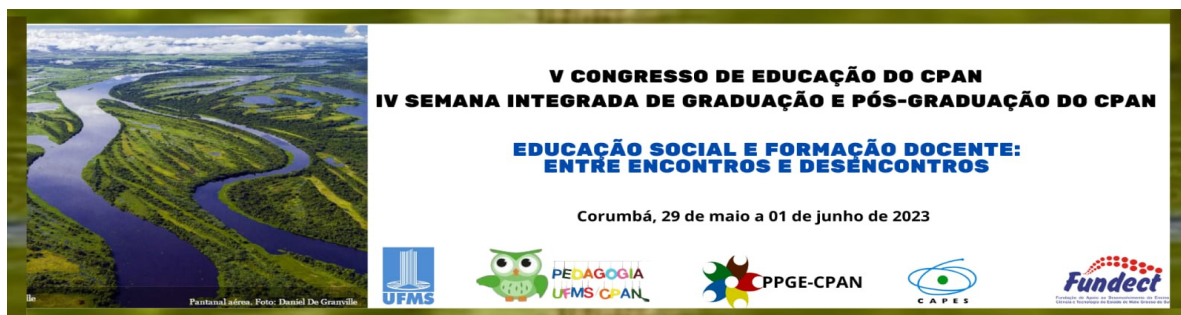
ALONSO, A. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ALONSO, A.; LIMA, Marcia; ALMEIDA, Ronaldo de. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP São Paulo, 2016. Acessado em 14 de março de 2023, disponível em: [https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016\\_E-BOOK%20Sesc-Cebrap\\_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf](https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/arquivos/2016_E-BOOK%20Sesc-Cebrap_%20Metodos%20e%20tecnicas%20em%20CS%20-%20Bloco%20Qualitativo.pdf)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, 1988. Acessado em: 31 de março de 2023, disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

BRASIL. MEC. SECADI. Documento subsidiário. **Orientações para implementação da política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2015a.

BRASIL. INEP. **Avaliação Nacional da Alfabetização: relatório 2013-2014**: volume 2: análise dos resultados. Brasília, 2015b.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2022**: Resumo Técnico. Brasília, 2023.



BRASIL. MEC. INEP. **Informe Estatístico da Educação Básica**: evolução recente das estatísticas da Educação Básica no Brasil - 1998. Brasília, 1998.

CARVALHO, M. F. O aluno com deficiência intelectual na escola: ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano. In: MELETTI, S. M.; KASSAR, M. C. M. **Escolarização de Alunos com Deficiências**. Desafios e Possibilidades. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

CASTILLO, H.; HERRERO, D.; GARCÍA-VARELA, A. B.; CHECA, M.; MONJELAT, N. Desarrollo de competencias a través de los videojuegos deportivos: alfabetización e identidad. **RED. Revista de Educación a Distancia**, n. 11, v. 33, 2012.

CRUZ, E. Representações de Alunos sobre a Integração curricular das TIC no Ensino Básico. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, 2018. Acessado em 31 de março de 2023, disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/43QSVBzwVxWGdJHjRHW5BZg/?format=pdf&lang=pt>

HENN, R. **Desafios ambientais na educação infantil**. 2008. 424 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

KASSAR, M. C. M. **Escola como espaço para a diversidade e o desenvolvimento humano**. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n. 137, p.1223-1240, out./dez., 2016.

KASSAR, M. C. M. Práticas pedagógicas e o acesso ao conhecimento: análises iniciais. In: MANZINI, Eduardo José. (org.). **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006. p. 79-86.

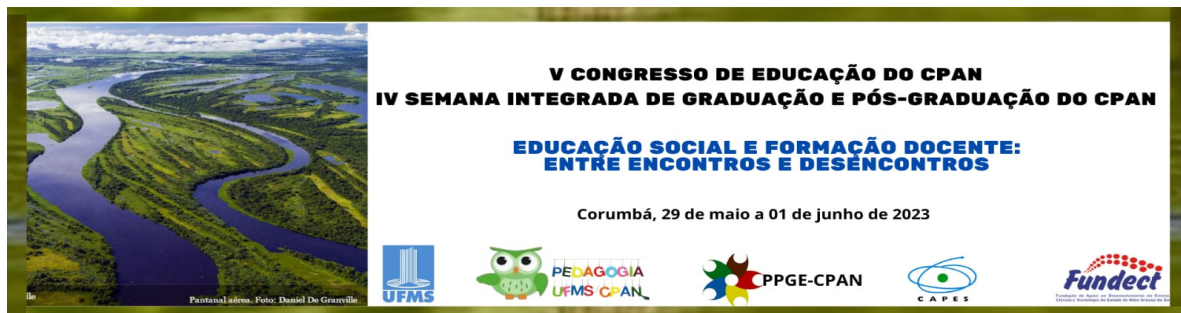
MARTÍNEZ, B. R.; LACASA, P.. Aprender con Mario Bros, **Cuadernos de Pedagogía**, Wolters Kluwer, n. 398, p. 57-60, 2010.

PISA. OCDE. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. **Resultados do PISA 2015**. Paris, 2016.

PLETSCH, M. D. **Repensando a inclusão escolar**: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014.

RODRIGUES, D. As Tecnologias de Informação e comunicação em tempos de Educação inclusiva, In: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (org.). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultural Acadêmica, 2012.

SEBASTIÁN, E.; BORTOLINI, R.; OLIVEIRA, S.E.S. Políticas en la formación del profesorado desde la perspectiva de la educación inclusiva en Brasil y España. In: E. SEBASTIÁN, E.; MOSCA, C. R.; OLIVEIRA, S. E. S. (org.). **La formación del profesorado para la atención a la diversidad en Brasil y España**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2013. p. 17-44.



SILVA, S. P. da. Texto visual na educação infantil: contribuições para construção do conhecimento da criança. **Revista Arredia**, Dourados, Editora UFGD, v. 3, n.s: p. 77-101 ago./dez.2014.

SOUZA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. A construção de histórias como estratégias pedagógicas na educação infantil e ensino fundamental. **Educare et educare**, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez., 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área de necessidades educativas especiais. Espanha, 1994.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia, 1990.

VARELA, A. B. G.; CASTILLO, H. del; LACASA, P. Tecnologia e novas alfabetizações na família e na escola. In: KASSAR, M. de C. M. (org.). **Diálogos com a Diversidade: Desafios da Formação de Educadores na Contemporaneidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. – (Série educação geral, educação superior e formação continuada do educador).

VYGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LURIA, A.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. **Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Moraes, 1991a.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.